

Valci Melo

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT9

Livros Didáticos de Sociologia

O descompasso entre denúncia e anúncio: capitalismo e socialismo nos livros didáticos de Sociologia do
PNLD 2015

Belém, Pará

2023



O DESCOMPASSO ENTRE DENÚNCIA E ANÚNCIO: CAPITALISMO E SOCIALISMO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA DO PNLD 2015

Valci Melo ¹

RESUMO

O artigo analisa as contribuições e os limites dos livros didáticos de Sociologia para a compreensão do capitalismo e do socialismo como projetos societários. A pesquisa se deu à luz da Análise do Discurso pecheutiana. Ao longo do texto, demonstra-se que, embora todas as obras do PNLD 2015 materializem discursos de denúncia da natureza opressora e desumana do capitalismo, há um descompasso, em um terço delas, entre essa denúncia e a apresentação do socialismo como projeto societário alternativo. Por fim, conclui-se que os discursos materializados nos livros didáticos em análise contribuem para a formação de subjetividades políticas anticapitalistas, sejam elas reformistas ou revolucionárias.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia. Mudança social. Livro Didático. Análise do Discurso.

INTRODUÇÃO

O livro didático é um instrumento educacional indissociável da escola moderna (MUNAKATA, 2012), uma vez que a formação dos Estados nacionais e o conseqüente surgimento dos sistemas escolares estatais como mecanismo de secularização da vida social e reprodução ideológica do capitalismo exigiu a massificação da escola (PETITAT, 1994), o que, por seu turno, demandou a existência de recursos didático-pedagógicos como o livro escolar.

Fruto de um processo social complexo, o livro didático caracteriza-se como um objeto cultural de múltiplas dimensões, sendo, ao mesmo tempo, mercadoria e artefato cultural de importância documental, curricular e ideológica (CHOPIN, 2004; BITTENCOURT, 2008; MUNAKATA, 2012). Em outras palavras: ao satisfazer as necessidades educacionais (valor de uso), o livro didático não deixa de ser também um produto subordinado às regras do mercado e, portanto, apresenta, como qualquer mercadoria, os limites e as contradições relacionadas ao seu caráter de valor de troca.

Neste trabalho, contudo, embora não desconsideremos a importância da dimensão mercadoria do livro didático, interessa-nos mais diretamente outros aspectos desse objeto

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), preto, masculino, Senador Rui Palmeira – Alagoas. melovalci@gmail.com

cultural, em especial, a sua função cultural e ideológica. Isto é, ao tomarmos os livros didáticos de Sociologia aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2015 como objeto de análise, consideramos que eles, ao traduzirem o conhecimento das Ciências Sociais para a Educação Básica, são, ao mesmo tempo, possibilidades didático-pedagógicas de aprendizagem que promove desenvolvimento, mediante a superação de conceitos cotidianos por conceitos científicos (VIGOTSKI, 2000), como também materialidades discursivas que registram importantes vestígios sobre como os sentidos acerca de um determinado tema se constituem e significam (ORLANDI, 2007).

Assim, entendendo a importância das Ciências Sociais na formação de subjetividades políticas, mediante a disciplina escolar Sociologia, propomo-nos a analisar o discurso dos livros didáticos sobre o capitalismo e o socialismo como projetos societários.

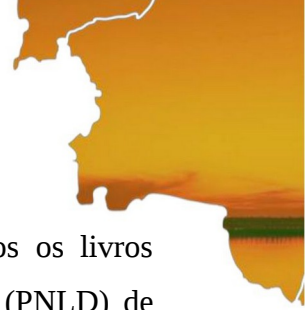
REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Tomamos como materialidade discursiva os seis livros didáticos de Sociologia aprovados e recomendados pelo PNLD de 2015. Nosso foco foi o livro do aluno, uma vez que o manual do professor diferencia-se do primeiro, apenas, no tocante à explicitação dos pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam a obra e na apresentação de orientações aos docentes acerca das possibilidades de uso da mesma. Contudo, sempre que necessário, também fizemos uso do manual do professor, em especial, para compreendermos melhor o projeto didático-pedagógico de cada obra. Para dar conta de nosso objetivo, realizamos:

- a) Leitura inicial de cada obra focada na identificação dos temas em análise;
- b) Seleção, em cada obra, de sequências discursivas relacionadas à abordagem de cada um dos temas em estudo (constituição de corpus discursivo);
- c) Análise discursiva das sequências selecionadas em cada obra.

Todas essas etapas foram realizadas na versão digital das obras no formato *Portable Document Format (PDF)*. O mapeamento por palavras-chave deu-se através da utilização da ferramenta localizar, do software **Adobe Reader**. Ao localizarmos a palavra consultada, imediatamente procedíamos com a leitura do contexto no qual ela estava inserida para verificarmos se o uso da mesma correspondia ao nosso objetivo.

Para o tratamento teórico-analítico de nossas materialidades discursivas, partimos dos seguintes pressupostos:



- a) Uma sequência discursiva é um enunciado que materializa um discurso representativo daquilo que o pesquisador investiga;
- b) Discurso é entendido aqui, na esteira de Pêcheux (2014), como efeitos de sentidos produzidos pelos sujeitos em sua relação com a linguagem e independente do seu grau de consciência ou tentativa de controle dos mesmos;
- c) Sujeito ou posição-sujeito corresponde à identificação do enunciador, expressa no âmbito da linguagem, com uma ideologia, entendida aqui, a partir de Lukács (2013), como um conjunto de representações, valores, interesses e sentimentos que se caracteriza pela capacidade de orientar a ação cotidiana em prol de um determinado projeto de sociedade, independentemente se essa visão de mundo corresponde a uma apreensão cientificamente correta, equivocada ou falsificadora da realidade.

CAPITALISMO: UM PROJETO SOCIETÁRIO ESTRUTURALMENTE OPRESSOR E DESUMANO

Há, nas obras analisadas, um discurso de denúncia acerca do capitalismo como um sistema social que caracteriza-se pela exploração do homem pelo próprio homem. Além disso, os livros didáticos destacam que o capitalismo apresenta limites de difícil resolução em seu interior, pois fazem parte de sua natureza e estrutura.

[SD1] [...] o **desenvolvimento capitalista**, em especial no que se refere ao campo, **deu evidentes provas de esgotamento** pela sua *insustentabilidade*, seja do ponto de vista do uso de recursos, seja dos preços dos alimentos (SILVA et al., 2013, p. 377, *itálico dos autores; negrito nosso*).

No discurso materializado na SD1 o capitalismo é apresentado como um modo de produção insustentável, falido, esgotado. Isto é, apesar das constantes tentativas de aperfeiçoamento, devido à sua própria lógica de funcionamento estruturada na transformação de tudo e de todos em mercadoria, mostra-se como um projeto social e ambientalmente insustentável.

[SD2] Nos últimos anos, as sociedades capitalistas passaram por fortes mudanças sociais. [...] Entretanto, essas mesmas **transformações acabaram por reproduzir a velha forma da estrutura social capitalista**: o novo ainda estava impregnado do velho. A velha **sociedade capitalista** se reinventou, mas continuou reproduzindo suas **características mais centrais** de divisão em classes sociais, de **exploração e dominação do trabalho**, de **produção do lucro e de sua apropriação privada**. A sociedade capitalista se reconfigurou internamente para manter seus objetivos de **sociedade baseada na produção e no consumo de mercadorias**. Aparentemente

tudo teria se transformado, mas, de fato, pouco mudou (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013, p. 185, grifo nosso).

O discurso materializado na SD2 desnuda a superficialidade das mudanças sociais ocorridas no interior do sistema capitalista e seu pouco impacto nas desigualdades sociais: “**A sociedade capitalista se reconfigurou internamente para manter seus objetivos de sociedade baseada na produção e no consumo de mercadorias**” (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013, p. 185, grifo nosso).

[SD3] A orientação conservadora expressa-se na defesa da ideia de que é necessário adotar medidas econômicas e políticas que permitam **integrar os excluídos** na sociedade. É um discurso de quem está incluído e postula que todos se integrem à **sociedade de consumo**, não havendo alternativa melhor. É uma **proposta conformista** justamente porque aceita as condições existentes como um fato consumado e **não coloca em questão a possibilidade de a integração dos excluídos ser feita de forma degradada e precária**. Seus defensores apenas lamentam a existência dos excluídos e propõem mais desenvolvimento para que todos possam ser beneficiados. Jamais pensam em questionar a sociedade (TOMAZI, 2013, p. 106, grifo nosso).

O discurso materializado na SD3 denuncia o caráter naturalizador e, portanto, conservador do discurso inclusivista, uma vez que o mesmo, ao invés de problematizar a sociedade existente e analisar as reais possibilidades de integração dos excluídos, limita-se a lamentar a existência dos excluídos e a propor mais do mesmo.

Essa mesma crítica também é possível de ser identificada na SD4:

[SD4] O *Estado de Bem-Estar Social* permitiu, de fato, que um conjunto muito grande da população conquistasse **direitos sociais**. No entanto, ele *não sanou as desigualdades sociais como se esperava*. Oferecer oportunidades iguais a todos envolve *investimentos sociais* muito grandes, e isso *nem sempre ocorreu*, pois os compromissos dos governantes com as políticas de bem-estar social nem sempre foram os mesmos. [...] Além disso, seria necessário considerar outros fatores, como as próprias *contradições desse modelo político*: mesmo que se ofereçam *oportunidades iguais*, será que *as condições de competir também são iguais*? Com essa breve reflexão, queremos que você comece a compreender por que o Brasil, hoje, é considerado um dos países mais desiguais do planeta: apesar das intervenções políticas, as desigualdades sociais persistiram e se multiplicaram (BOMENY et al., 2013, p. 280, negrito das autoras; itálico nosso).

Como se vê, a SD4 apresenta uma análise crítica do Estado de bem-estar social, relacionando seus limites com a incapacidade de o modo de produção capitalista enfrentar adequadamente o problema das desigualdades, uma vez que estas fazem parte da sua estrutura enquanto sistema baseado na existência de classes sociais.

[SD5] Os **processos que excluem** parcelas da população do acesso aos serviços e aos bens de consumo podem ser compreendidos no contexto das **contradições do capitalismo**, que apresentam os **limites do próprio sistema** ao dispensar trabalhadores e poluir o ar, o solo e a água do planeta, por exemplo, como veremos no capítulo 11 (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2013, p. 215, grifo nosso).

A exclusão social é tratada, na SD5, como uma característica intrínseca ao modo de produção capitalista, sendo, portanto, insuperável no seu interior, uma vez que a exploração da força de trabalho e a degradação material do trabalhador, o uso dos recursos naturais e a destruição do próprio planeta fazem parte da sua estrutura contraditória.

[SD6] [...] De qualquer forma, a crítica principal que pode ser feita hoje em dia, após décadas de Orçamento Participativo, Conselhos Populares e os mecanismos previstos pela Constituição de 1988, é no sentido de perceber que essas experiências, em nenhum momento, alteram o **caráter extremamente excludente e antidemocrático do capitalismo** - uma **característica que faz parte da sua própria existência e desenvolvimento histórico** (OLIVEIRA; COSTA, 2013, p. 230, grifo nosso).

A SD6 explora não apenas o caráter econômico e socialmente excludente do capitalismo, mas também a sua dimensão antidemocrática. Esse discurso é importante, pois ele desmistifica a concepção liberal segundo a qual o modo de produção capitalista teria alguns problemas na esfera socioeconômica que seriam compensados por uma suposta natureza democrática do mesmo, já que é o sistema no interior do qual foi conquistada a igualdade formal: os direitos civis, políticos e sociais e a possibilidade de mobilidade social.

No entanto, o discurso materializado na SD6 chama a atenção para a insuficiência das conquistas no âmbito da participação política, uma vez que as mesmas são limitadas pela igualdade formal e por sua incapacidade de superar a essência excludente do capitalismo.

Conforme nota-se nas SD1 a SD6, há um discurso que reconhece as dificuldades de o capitalismo enfrentar adequadamente diversos problemas sociais por estes fazerem parte de sua natureza classista e opressora. Esses limites, como se pode ver, vão das questões ambientais e alimentícias (SD1 e SD5), passando por trabalho e consumo (SD2 e SD3) até questões relacionadas ao efetivo exercício dos direitos legalmente garantidos (SD4 e SD6).

Assim, destacamos a importância da análise crítica e da denúncia feita pelos livros didáticos de Sociologia ao caráter destrutivo do capitalismo, tendo em vista ser esse diagnóstico uma etapa essencial na formação de subjetividades politicamente progressistas, sejam elas reformistas ou revolucionárias.

Na seção seguinte, analisamos (des)equilíbrio entre a denúncia das mazelas inerentes ao sistema capitalista e o anúncio de alternativas societárias para além da reprodução e da tentativa de aperfeiçoamento da ordem social vigente.

SOCIALISMO: EXPERIÊNCIA HISTÓRICA FRACASSADA, UTOPIA SOCIAL DECLINANTE OU PROJETO SOCIETÁRIO ALTERNATIVO?

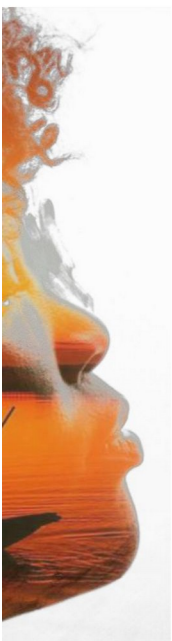
Como a produção de sentidos não é controlada conscientemente por seus enunciadores - mesmo tratando-se de um discurso científico ou pedagógico -, o curso desses efeitos de sentidos segue movimentos contraditórios, marcados pela ausência, pelo excesso e por deslizamentos que às vezes levam-no a ultrapassar fronteiras, aproximando-se de outros territórios do dizer, em um movimento nem sempre claro, porém, indicativo de posições assumidas pelos sujeitos, mesmo que provisoriamente.

Esse é o caso do discurso materializado nos livros didáticos de Sociologia acerca da mudança social e, mais especificamente, sobre o socialismo. Esse tema aparece nas obras, ao menos, em três sentidos, isto é, como experiência histórica fracassada, como utopia social declinante e/ou como projeto societário alternativo ao capitalismo. Senão vejamos:

[SD7] Um dos acontecimentos que marcaram a aceleração da globalização econômica desde os anos oitenta foi o conjunto de transformações que afetaram os **países até então socialistas**, como a União Soviética, a China e os países da Europa Oriental. Durante boa parte do século XX, a existência desses países, em grande parte **fechados para a economia mundial** e sem espaço para a atuação das grandes empresas multinacionais, constituiu um limite para a globalização. Além disso, os **regimes ditatoriais** que caracterizaram o **socialismo do século XX** colocavam sérios limites à circulação de ideias e produtos culturais do mundo capitalista (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013, p. 241, grifo nosso).

[SD8] Se prestarmos mais atenção à desigualdade entre os países, é fácil perceber que a desigualdade global aumentou muito. [...] se nos concentrarmos na desigualdade entre as pessoas dentro de cada país [...], a desigualdade também cresceu em muitos países em consequência da globalização. Isso é óbvio nos antigos **países socialistas** (e na China), que **tinham pouca desigualdade de renda**, e hoje, em alguns casos, atingem níveis muito altos de desigualdade (MACHADO; AMORIM; ROCHA, 2013, p. 259, grifo nosso).

Como se vê nos enunciados acima, o socialismo é tratado como experiência sócio-histórica fracassada, caracterizada pelo autoritarismo no campo político (regimes ditatoriais) e pelo controle da atividade econômica (SD7), mesmo que sua existência tenha diminuído a desigualdade de renda (SD8). A redução do socialismo a essas duas características apresenta traços da ideologia conservadora em seu discurso de demonização do comunismo, o qual não vê o socialismo como um projeto societário legítimo, e sim, como um regime político ditatorial e, portanto, mesmo que tenha alguma virtude, como o enfrentamento das desigualdades de renda, seus supostos defeitos intrínsecos dispensariam qualquer esforço de análise mais detalhada.



Vejamos que aqui não há a apresentação de um socialismo como projeto societário contraposto às experiências sócio-históricas autodeclaradas socialistas, e sim, o destaque de algumas dessas experiências como o socialismo real, aquele que seria possível. Assim, ao apresentar o socialismo associado a diversos elementos que causam repulsa em uma sociedade que diz prezar pela liberdade individual, mesmo que apenas no âmbito da formalidade jurídico-política, o discurso materializado nas SD7 e SD8 presta um desserviço à formação de subjetividades revolucionárias, uma vez que não possibilita o real conhecimento do inimigo para poder atacá-lo em sua raiz.

Entre o discurso do socialismo como experiência histórica fracassada e a apresentação do mesmo como projeto societário alternativo ao capitalismo, situa-se o discurso da utopia social, entendida como:

[SD9] utopia social: **ideal** de sociedade justa e igualitária na qual o **bem-estar coletivo** se realiza plenamente (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2013, p. 207, nota lateral; grifo nosso).

Apesar da polissemia do termo “ideal”, aqui ele nos parece corresponder à noção de projeto, concepção, sonho. Contudo, visto em sintonia com a SD10, com a qual esse enunciado se relaciona, exercendo a função de nota explicativa, percebe-se que se trata de um imaginário, um desejo, uma aspiração para a qual não há mais espaço nos tempos contemporâneos, mas que já exerceu grande influência no campo das lutas sociais, sobretudo, no movimento operário, entre o final do século XIX e início do século XX. Ou seja, como destacam as autoras:

[SD10] Nesse período, o **socialismo** – sistema político que visa a uma sociedade igualitária e cooperativa – destacou-se por favorecer ações coletivas de indivíduos e grupos organizados. No entanto, **seu declínio** como **utopia social** nas últimas décadas do século passado (bem como o enfraquecimento de teorias como o anarquismo e o mutualismo) trouxe o **desafio** de **construir novas formas de contestação das desigualdades características do sistema capitalista** (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2013, p. 207, grifo nosso).

Vejamos que aqui permanece a crítica ao capitalismo como modo de produção caracterizado pelas desigualdades sociais. Contudo, o socialismo é descartado como projeto societário alternativo, mesmo que seu lugar seja preenchido pelo “desafio de construir novas formas de contestação das desigualdades características do sistema capitalista”. Aqui cabe um destaque: não estamos negando que o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) tenha impactado violentamente no socialismo como projeto alternativo de sociedade. Estamos, sim, chamando a atenção para o fato de que, ao se decretar o fim do projeto socialista como consequência do fim da União Soviética, faz-se coro ao discurso

anticomunista de redução do socialismo como projeto societário à experiência soviética, entrando-se na falácia da caracterização daquela experiência sócio-histórica como o socialismo real, o socialismo possível. Além disso, deixa-se de reconhecer o simples fato de que experiências autodenominadas socialistas, como o regime cubano, continuam vivas e, ressalvados os inúmeros problemas que as afetam, disputando as melhores colocações com os países do capitalismo central em setores estratégicos no enfrentamento às desigualdades sociais, como: educação, saúde e segurança pública.

Essa correspondência entre o fim da União Soviética e o enfraquecimento do socialismo como projeto de sociedade, decretando-se, como consequência, uma suposta inadequação do ideal socialista com as demandas dos novos tempos se expressa de forma cristalina no discurso da SD11.

[SD11] [...] as **relações de forças** entre as nações **alteraram-se** com o **fim da União Soviética**, em 1991, e o **abandono do sistema socialista (na época, o único em adoção que se propunha como alternativa ao capitalismo)** em boa parte dos países que o adotavam. O caminho estava aberto para a aceleração da globalização da economia capitalista e o fortalecimento da ideologia neoliberal, como estudamos nos capítulos 4 e 7 (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2013, p. 213, grifo nosso).

Além da identificação entre a União Soviética e o projeto socialista, como se fossem questões sinônimas, outro ponto chama a atenção: a alegação de que o socialismo perdeu espaço por não ser mais a única alternativa ao capitalismo, como nos tempos de outrora. No entanto, a nosso ver, a decretação do fim do socialismo como projeto societário, isto é, a sua caracterização como utopia social declinante por existirem novas formas de contestação social mais adequadas ao mundo contemporâneo carece de maior argumentação teórica e de evidências empíricas mais robustas.

O outro eixo a partir do qual a temática do socialismo é abordada nos livros didáticos corresponde à sua caracterização como projeto societário (teórico-político) alternativo. Isso não significa dizer que todas as obras classificadas inicialmente nesse bloco têm sempre o mesmo discurso ou filiem-se igualmente à mesma ideologia, uma vez que algumas se mantêm coerentes com essa abordagem no tratamento de outras questões correlatas, a exemplo da mudança social, ao passo que outras flutuam entre a ideologia socialista, caracterizada na linguagem pela Formação Discursiva Revolucionária, e a ideologia socialdemocrata, representada na linguagem pela Formação Discursiva Reformista. Contudo, a reunião de todas elas nesse eixo justifica-se pelos seguintes motivos:

- a) todas elas apresentam, mesmo que de forma sucinta, uma breve caracterização do que Marx e Engels escreveram acerca do socialismo;

- b) as quatro obras apresentam um discurso acerca do socialismo como algo vivo, resistente e, portanto, como alternativa sócio-histórica possível e plausível (mesmo que não mantenha esse discurso de forma explícita ao longo de toda a obra!);
- c) exceto a obra **Tempos modernos, tempos de Sociologia**, todas as outras apresentam a experiência soviética como uma forma de organização do Estado (Estado “socialista”), fazendo um contraponto entre o dito socialismo vivenciado na URSS (seus limites e potencialidades) e o socialismo enquanto projeto teórico-político.

Assim, como é possível ver na sequência discursiva abaixo, o socialismo é caracterizado como uma reação teórico-política ao liberalismo, tendo como núcleo estruturador de sua proposta societária a transformação das condições materiais de produção da vida social e, portanto, a eliminação das desigualdades sociais.

[SD12] O **socialismo** foi a primeira **reação sistemática** ao **Estado liberal**, ao **questionar as bases materiais da sociedade**, ou seja, a **divisão** em duas **classes sociais** principais: a burguesia e a classe trabalhadora. A **proposta socialista defendia** uma **profunda transformação** nas **condições de produção** e **apropriação da riqueza** produzida pela sociedade (SILVA et al., 2013, p. 147, grifo nosso).

Analisada de forma isolada poder-se-ia dizer que a SD12 materializa um discurso segundo o qual o socialismo seria um projeto societário sem perspectiva futura, tendo em vista a referência ao mesmo com verbos sempre no tempo passado: **“o socialismo foi”** e **“a proposta socialista defendia”**. No entanto, esse ideal societário apresentado na SD12 é complementado com a análise dos desdobramentos da experiência soviética (SD13), chamando-se a atenção para o fato de que o declínio dessa experiência, além de não se confundir com as possibilidades do socialismo como projeto societário, tem relação tanto com limitações internas (**“aliança entre a burocracia e a elite militar”**) como também com sufocamentos externos (**“sufocado pela força econômica dos países capitalistas”**).

[SD13] No final do século XX acentuou-se o processo de **decadência política e econômica da URSS**. **Limitado pela** aliança entre a **burocracia** e a **elite militar**, pela **falta de liberdades democráticas** e também **sufocado pela força econômica dos países capitalistas**, o país implodiu. **No entanto, o referencial teórico-crítico e valorativo do socialismo ainda é um contraponto ao estado liberal** (SILVA et al., 2013, p. 148, grifo nosso).

Na SD13 o socialismo é tratado como experiência sócio-histórica e como projeto de sociedade que ainda se apresenta como alternativa ao neoliberalismo. Vejamos que o discurso aqui materializado trata a União Soviética como uma experiência socialista que tanto precisa ser analisada em seus limites históricos, como também não pode ser confundida com o socialismo enquanto projeto teórico-político de sociedade emancipada.

Além de apresentar, mesmo que sucintamente, o socialismo como projeto societário e como experiência sócio-histórica, a obra **Sociologia em movimento** recorre ao conceito em vários momentos para ilustrar a presença das ideias socialistas em diversos aspectos da luta social contemporânea em diferentes frentes (doutrina política, teorias do desenvolvimento, anticolonialismo, relações de gênero, etc.).

Passando para a obra **Sociologia para o Ensino Médio**, observa-se que a mesma apresenta a experiência soviética como uma forma de organização estatal inspirada no socialismo como projeto de sociedade pautado no enfrentamento das “condições precárias de vida dos trabalhadores”.

[SD14] O **Estado socialista soviético** decorreu da Revolução Russa, iniciada em 1917. Por meio da implantação de um Estado socialista, **procurava-se fazer frente às condições precárias de vida dos trabalhadores**, tanto urbanos como rurais. É bom lembrar que as **ideias socialistas** já **estavam** presentes na **Europa** havia **mais de meio século** e se concretizavam naquele momento (TOMAZI, 2013, p. 133, grifo nosso).

Vejamos que a experiência soviética aparece como uma tentativa de concretização do socialismo, o qual, com ela não se confunde, tendo em vista sua existência anterior, bem como, as deformações que o processo revolucionário sofreu após a morte de Lênin, conforme destacado na SD15.

[SD15] Em 1924, com a morte de Lênin, Josef **Stálin assumiu** o comando da URSS e **aprofundou a concentração do poder** no Partido Comunista e no Estado, **eliminando a oposição**. A partir de então, uma **revolução** que **nascera** com o **propósito de transformar o sistema anterior** e garantir a liberdade para todos **gerou uma sociedade** que teve **parte dos problemas econômicos resolvidos**, mas **à custa da submissão** a um **Estado autoritário** que **oprimiu a maioria** da população (TOMAZI, 2013, p. 133, grifo nosso).

Como se vê, a experiência soviética não é apresentada de forma unilateral nem como expressão concreta de um projeto societário inviável. Ela é destacada como uma experiência inspirada em um ideal de sociedade, mas que seguiu caminhos próprios, gerando benefícios no âmbito econômico, embora **“à custa da submissão a um Estado autoritário que oprimiu a maioria da população”**.

Coerente com esse discurso, encontramos na mesma obra a constatação das dificuldades de um processo revolucionário que transforme as estruturas da sociedade, bem como a inviabilidade estrutural de mudanças significativas por dentro da ordem. Identificado com a perspectiva da radical historicidade do mundo dos humanos, o referido discurso não se rende à constatação e aos limites, vislumbrando nos movimentos do contemporâneo e na

permanência da exploração as possibilidades de resistência, enfrentamento e superação da ordem social vigente:

[SD16] Podemos perceber que **a ideia de uma revolução violenta**, com a tomada do poder do Estado para desenvolver uma nova sociedade, **está cada dia mais distante da realidade. Parece remota, também, a ideia de uma mudança significativa mediante ações lentas e graduais por parte das instituições políticas**, pois estas estão muito amarradas às estruturas de poder existentes. Quando há uma possibilidade de mudança, a força da reação normalmente é muito grande e pode aniquilar qualquer tentativa de resistência. Além disso, por causa da crise na democracia representativa, as pessoas já não acreditam que seus representantes possam tomar medidas para alterar profundamente a sociedade. **Então não há alternativa?** Há uma apatia geral e nada acontece porque pouco se pode fazer para promover mudanças profundas na sociedade em que vivemos? Não é possível uma revolução e a criação de uma nova sociedade por meio da ação consciente dos trabalhadores explorados? **Parece difícil**, porque a capacidade de cooptação por parte dos poderes vigentes é muito grande. **Mas a consciência da desigualdade e do sofrimento que isso acarreta não é apagada ou silenciada, e se expressa em manifestações populares e revoltas pontuais em várias partes do mundo** (TOMAZI, 2013, p. 311-312, grifo nosso).

A obra **Tempos modernos, tempos de Sociologia** é a única dos quatro livros desse bloco que, apesar de apresentar o socialismo como projeto societário, praticamente ignora a existência da União Soviética como experiência autodeclarada socialista. Esse silenciamento², a nosso ver, não contribui para a qualificação dos debates acerca desse tema, uma vez que, embora o socialismo não possa ser reduzido à experiência soviética, também não pode ser bem compreendido sem uma análise crítica da mesma.

Já sobre a apresentação dos pressupostos teórico-políticos do socialismo como projeto societário, a referida obra faz uma importante síntese, como se pode ver na SD17:

[SD17] O *socialismo* é um sistema político-econômico que foi idealizado no século XIX em *contraposição* ao *liberalismo* e ao *capitalismo*. Concebido em *reação* às *más condições* dos *trabalhadores* [...], esse *modelo de organização social* propõe a *extinção da propriedade privada dos meios de produção*, a *tomada do poder pelo proletariado*, o *controle do Estado* e a *divisão igualitária da renda*. Apesar de muitos pensadores terem investido na elaboração das premissas do socialismo, foi apenas depois dos escritos de Karl Marx e Friedrich Engels que esse conceito deixou de ser uma utopia sem qualquer aplicabilidade histórica (o socialismo utópico) e passou a se referir a um *modo de produção passível de ser implantado* (o socialismo científico). De acordo principalmente com Marx, o *socialismo*, pensado como socialismo estatal, *substituiria* o *capitalismo* industrial por meio de uma **revolução** feita pelos *trabalhadores*, que seria acompanhada da *transformação estrutural da sociedade*. [...] A implantação do socialismo visaria, portanto, à *destruição do sistema de classes sociais*, substituindo a motivação do lucro pela preocupação com o bem-estar coletivo. Ainda de acordo com Marx, uma vez alcançado esse estágio de regulação democrática da sociedade, o *Estado* se tornaria *dispensável*, e então teria início o *regime comunista*. Dessa forma, o *socialismo* seria a *fase de transição* entre o *capitalismo* e o *comunismo* (BOMENY et al., 2013, p. 121, negrito das autoras; itálico nosso).

2 De acordo com Orlandi (1995), o silenciamento caracteriza-se como uma tentativa de censura de sentidos não desejados, como uma estratégia de interdição discursiva, de apagamento de memórias inoportunas.

A SD17 sintetiza em um único lugar as características centrais do socialismo como projeto societário, apresentando-o de forma didática e cristalina. Essa abordagem se dá no interior do capítulo oito (**Trabalhadores, uni-vos**), ocasião em que a obra apresenta o pensamento sociológico de Karl Marx e Friedrich Engels. Uma das vantagens da organização didática desse livro visualiza-se na abordagem do assunto em tela, tendo em vista que, por dedicar um capítulo inteiro ao pensamento de determinado autor, a obra dispõe de melhores condições para dar um tratamento mais específico às suas ideias.

No tocante ao discurso sobre o socialismo, observa-se que na SD17 ele é apresentado como um projeto societário (**“modelo de organização social”**) cujo núcleo propositivo alicerça-se na **“extinção da propriedade privada dos meios de produção, a tomada do poder pelo proletariado, o controle do Estado e a divisão igualitária da renda”**. Além disso, destaque-se a relevância da contraposição que a SD17 faz entre socialismo utópico e socialismo científico, apresentando-se este último como **“um modo de produção passível de ser implantado”**, bem como a importância do apontamento dos pressupostos teórico-ideológicos orientadores da proposta socialista: **“revolução feita pelos trabalhadores”**; **“transformação estrutural da sociedade”**; **“destruição do sistema de classes sociais”**; **“regulação democrática da sociedade”** (o que levaria à dispensabilidade histórica do Estado como forma de organização e exercício do poder) e distinção entre socialismo e comunismo (**“o socialismo seria a fase de transição entre o capitalismo e o comunismo”**).

Esse discurso contrapõe-se diretamente ao anticomunismo, historicamente alimentado pelos grandes meios de comunicação de massa e, atualmente, potencializado pela onda de *fake news* alastrada via redes sociais. O anticomunismo aborda a temática do socialismo recorrendo à demonização do mesmo, desconsiderando tratar-se de um projeto de sociedade com o qual se pode ou não concordar, em torno de ou contra o qual se luta, mas que tem o legítimo direito de existir e com o qual é preciso conviver respeitosamente.

É nessa direção de combate ao anticomunismo que segue o discurso materializado na SD18, extraída da mesma obra:

[SD18] [...] Embora o **socialismo, como regime político**, sobreviva ainda hoje em poucos países – Cuba, China, Vietnã, Coreia do Norte e Laos –, alguns governos se declaram socialistas por aderirem a determinadas posições relativas à política econômica e social, como o governo de Hugo Chávez, na Venezuela, e de Evo Morales, na Bolívia. Esse fato deixa claro que **o socialismo**, sob a forma de ideologia, modo de produção ou sistema político econômico, **vem se atualizando** ao longo dos anos. Ao adquirir diferentes conotações e aplicações, ele **continua** a se apresentar **como alternativa** ao sistema capitalista e suas desigualdades sociais (BOMENY et al., 2013, p. 121, grifo nosso).

Visualiza-se na SD18 uma importante distinção entre o socialismo como ideologia política e, portanto, como projeto societário, e as experiências históricas vivenciadas em seu nome. Essa distinção é da maior importância, pois ela confronta uma estratégia recorrente do discurso anticomunista, que é a referência a essas experiências históricas como o socialismo em si: o “socialismo real”.

Neste quesito, destaque-se que embora a obra faça uma importante abordagem conceitual do socialismo, a ausência de uma análise sociológica crítica sobre os limites e as potencialidades das experiências autodeclaradas socialistas, a exemplo da União Soviética, constitui-se um silenciamento que pouco ou nada ajuda nos debates ideológicos acerca das disputas societárias, as quais sempre recorrem a essas experiências como suposta comprovação cabal da inviabilidade do projeto socialista.

Por fim, o livro **Sociologia para jovens do século XXI** recorre à literatura marx-engelsiana para apresentar os fundamentos do socialismo como projeto societário e diferenciá-lo tanto das experiências autodeclaradas socialistas como do comunismo como novo modo de produção.

[SD19] [...] Para Marx, **socialismo** seria a primeira **etapa** de **construção** de uma **nova sociedade**, em que os operários, depois de derrubarem a burguesia, instalariam um novo Estado, chamado de Estado Operário. Com o desenvolvimento desse Estado, baseado na ampliação da participação dos produtores de riqueza nas decisões econômicas e políticas da sociedade, aos poucos, os indivíduos perceberiam que o Estado não seria mais necessário, **evoluindo para uma sociedade comunista**, em que todos deveriam **desfrutar** de todas as **riquezas produzidas**, **extinguindo** definitivamente as **desigualdades** e a **exploração do homem pelo homem** (OLIVEIRA; COSTA, 2013, p. 147-148, grifo nosso).

Essa é a obra que dedica mais espaço ao tratamento do referido tema. Nela, além de um capítulo específico para a apresentação do capitalismo e do socialismo como projetos de sociedade em disputa (“**Tudo que é sólido se desmancha no ar**”: **capitalismo e barbárie**), recorre-se ao assunto em outros momentos para problematizar a capacidade de capitalismo enfrentar adequadamente problemas como as desigualdades sociais, desequilíbrio ambiental, violência, entre outros.

Ao estabelecer a distinção entre socialismo e comunismo, a SD18 não somente ataca a superficialidade do discurso anticomunista, que toma os conceitos como sinônimos, como também delimita espaços entre o projeto teórico-político marx-engelsiano e as experiências autodeclaradas socialistas, a exemplo da União Soviética. Esse afastamento entre o socialismo como projeto teórico-político e o discurso anticomunista do “socialismo real”, do “regime comunista” se expressa de modo mais claro na SD20.

[SD20] O mais curioso nessa história foi que, **em nome do socialismo, das ideias de Marx e do comunismo, o regime soviético reprimiu opositores, assassinou líderes comunistas e falsificou a história da Revolução Russa.** Todas as **barbaridades** realizadas contra o povo soviético – a falta de liberdade, o partido único, a censura, a repressão, o Estado acima das pessoas... – eram **feitas em nome dos princípios comunistas e dos ideais de Marx e do marxismo.** A burguesia dos países capitalistas **se aproveitou** disso e **denominou de socialismo real, “regime comunista”, “ideias marxistas”, tudo aquilo que acontecia na URSS.** Em resumo, podemos afirmar que **o ideal socialista, de acordo com as ideias de Marx, nunca existiu** (OLIVEIRA; COSTA, 2013, p. 150, grifo nosso).

Essa é a obra na qual há, de forma mais direta, a defesa do socialismo como projeto societário vivo, pulsante e preñado de possibilidades sócio-históricas. Nela há uma identificação ideológica clara com a Formação Discursiva Revolucionária, expressa na defesa do socialismo como horizonte societário e na negação da União Soviética como materialização do projeto teórico-político marxista. Assim, ao invés de fazer coro ao discurso anticomunista do “socialismo real”, da caracterização da experiência soviética, cubana, chinesa, etc. como “regimes comunistas”, o discurso materializado na SD20 denuncia a origem burguesa desses chavões e a sua incoerência com o projeto teórico-político marx-engelsiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos seis livros foi possível constatar que, no diz respeito ao capitalismo, eles materializam discursos muito próximos, caracterizando-o como um sistema social opressor e naturalmente desumano. Assim, observou-se que todas as obras assumem claramente um discurso crítico a esse sistema social, cumprindo um papel importante na denúncia da natureza injusta dessa forma de sociabilidade.

No entanto, embora concordem na denúncia contra o capitalismo e suas correspondentes mazelas socioculturais, econômicas, políticas e ambientais, elas seguem caminhos de enfrentamento diferentes, sobretudo, no que diz respeito à apresentação do socialismo como projeto societário alternativo. Assim, das seis obras analisadas, uma trata o socialismo como experiência histórica fracassada (**Sociologia Hoje**), outra como utopia social declinante (**Sociologia**) e as outras quatro como projeto societário que ainda disputa com o capitalismo os rumos da sociabilidade contemporânea (**Sociologia para o Ensino Médio; Tempos modernos, tempos de Sociologia; Sociologia em movimento** e **Sociologia para jovens do século XXI**).

Nesse sentido, o discurso sobre projetos societários, materializado nos livros didáticos de Sociologia do PNLD 2015, apresenta um descompasso entre denúncia e anúncio,

uma vez que, embora se trate claramente de um discurso anticapitalista (WRIGHT, 2019), não se percebe a mesma nitidez quando da análise daquilo que é proposto como projeto societário alternativo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S.M.; BRIDI, M. A.; MOTIM, B. L. **Sociologia**. São Paulo: Scipione, 2013.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de historia**: fundamentos e métodos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BOMENY, H. et al. **Tempos modernos, tempos de Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e pesquisa**, São Paulo, p. 549-566, set./dez. 2004.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MACHADO, I. J. R.; AMORIM, H.; BARROS, C. R. **Sociologia hoje**. São Paulo: Ática, 2013.

MUNAKATA, K. O livro didático como mercadoria. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 3 (69), p. 51-66, set./dez. 2012.

OLIVEIRA, L. F.; COSTA, R. C. R. **Sociologia para jovens do século XXI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2013.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PETITAT, A. O surgimento dos sistemas escolares estatais: premissas e contradições. *In*: PETITAT, A. **Produção da escola, produção da sociedade**: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SILVA, A. et al. **Sociologia em movimento**. São Paulo: Moderna, 2013.

TOMAZI, N. D. **Sociologia para o ensino médio**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WRIGHT, E. O. **Como ser anticapitalista no século XXI?** São Paulo: Boitempo, 2019.